



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

MEMÓRIA E (IN)VISIBILIDADE: A MULHER INDÍGENA DISCURSIVISADA NA MÍDIA

Fabiana Claudia Viana Borges¹

Resumo: Este artigo propõe uma reflexão sobre os modos como a mulher indígena é discursivizada pela mídia, buscando compreender a constituição do sujeito-mulher indígena e dos sentidos sobre ele produzidos, numa relação com a memória, com o arquivo, perpassada pelas condições de produção. Para isso, tomamos como lugar de análise materialidades discursivas a partir de resultados de buscas gerados pelo Google para as designações “mulher” e “mulher indígena”, verificando quais as regularidades, o que se encontra estabilizado nesses resultados, o que é silenciado e o que desloca, (re)produzindo sentidos outros, que ultrapassam o espaço tecnológico de produção desses discursos e nos permitem acesso à materialidade da ideologia, evidenciando o funcionamento discursivo.

Palavras-chave: mulher indígena; mídia; memória.

Abstract: This article proposes a reflection about the ways in which indigenous women is discursivity in the media, trying to understand the constitution of the indigenous subject-women and senses about him produced, in relation to memory, with the archive, pervaded by the production conditions. For this, we as a place of materialities discursive analysis from search results generated by Google for the terms "woman" and "indigenous women", checking that the regularities, which is stabilized in these results, which is muted and shifting, (re) producing other senses, beyond the technological space of production of these discourses and allow us access to the materiality of ideology, highlighting the discursive functioning..

Keywords: indigenous women; media; memory.

Introdução

Iniciamos as reflexões aqui propostas com um poema de Potiguara (2004):

A DENÚNCIA
Ó mulher, vem cá.
Que fizeram do teu falar?
Ó mulher conta aí...

¹ Professora de Linguística no Centro Universitário Moura Lacerda, em Ribeirão Preto-SP. Pesquisadora no GEDISME: Grupo de Estudos Discurso e Memória: Nos Movimentos dos Sujeitos - USP/CNPq.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Conta aí da tua trouxa
Fala das barras
Dos calos nas mãos.
O que te faz viver, mulher?
Bota aí teu armamento.
Diz aí o que te faz calar...
Ah! Mulher enganada
Quem diria que tu sabias falar!

Ao fazer busca no site Google a partir das designações “mulher” e “mulher indígena”, deparamo-nos com algumas regularidades que causaram estranhamento. “Mulher” resulta, como primeiras indicações, em sites que apresentam matérias e reportagens sobre cuidados com o corpo, maquiagem, culinária, formação profissional, relacionamento amoroso, sexo; “mulher indígena” traz resultados que perpassam pelo espaço da mulher na zona rural, com destaque para o ativismo indígena, a resistência, silenciando sentidos sobre o feminino, sobre a mulher atuante na vida profissional, que cuida do corpo, que se relaciona amorosamente etc. Essas buscas iniciais produziram em nós um gesto de questionamento: qual a concepção de “mulher indígena” a mídia apresenta? Qual imaginário constitui essas práticas de linguagem?

Dessa forma, consideramos que os resultados apresentados pelos sites de busca na rede eletrônica se constituem por uma relação com a memória, aqui pensada discursivamente, e, assim, propomos analisar de que modo os resultados produzem sentidos por um efeito da memória, e como se constituem como verdade, dada a regularidade da ordenação dos resultados para as duas designações analisadas.

As análises aqui apresentadas se dão a partir dos pressupostos teóricos e metodológicos da Análise de Discurso de linha francesa, o que nos permite tomar a mídia a partir de um lugar ideológico, verificando como o político se instaura. Pensar o político é questionar se há protagonismo das mulheres indígenas nos sites que a discursivizam, é questionar, também, como o discurso colonial é retomado no discurso da mídia, qual a concepção de indígena que circula na mídia, qual imaginário é constituído por essas práticas de linguagem, incompletas e heterogêneas, dadas por espaços de memória descontínuos, constituídos em redes de filiação históricas.

Tornar visível esse modo de discursivização na e pela mídia permite compreender a historicidade e os sentidos da mulher indígena, dos seus modos de significar no social, tomada por uma cultura que se transforma, transformando-a e, assim, desnaturalizando sentidos



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

tomados como evidentes ou evidenciando sentidos silenciados; mesmo no apagamento, no silenciamento, na desconstrução discursiva o sujeito resiste, se significa.

Efeito da memória no discurso: condições de produção e silêncio

Os resultados gerados pelo site de busca são discursos, produzem efeitos de sentidos, evidenciam a formação discursiva em dada condição de produção por uma relação com a memória, silenciando outros, são esses, alguns dos conceitos que retomaremos nesta seção, afinal, a constituição dos sentidos se dá pela relação da língua, com a condição de produção e com a história.

Para Pêcheux (1997), e posteriormente em Orlandi (2005), o discurso é o efeito de sentidos entre locutores, o que torna possível afirmar que não há discurso sem sujeito e tampouco sujeito sem ideologia. A ideologia é um processo de produção do imaginário, é uma interpretação que aparece como necessária, que preestabelece sentidos, num dado contexto sócio-histórico. Assim, é essencial refletirmos sobre o modo como a memória afeta a discursividade, constituindo-a.

Borges (2015) afirma que a memória não é vista a partir do espaço de interpretação psicológica, como algo “já sabido”, como o lugar da evidência, o ancoradouro de sentidos, acessíveis a todos e retomados pelas reminiscências e tampouco temos acesso direto ao seu funcionamento, mas como prática discursiva e, como tal, se constitui, assim como todo ato de linguagem, a partir de disjunções, de conflitos e de polêmicas, que se materializam nos/pelos sentidos.

A relação da memória com o simbólico é indireta, nos diz Orlandi (2013), perpassada pelas condições de produção do discurso, das relações de sentido e de forças, trata-se de espaços de memória descontínuos, constituídos em redes de filiação históricas.

Podemos verificar também que a memória produz o efeito de atualização dos sentidos do discurso colonial pela mídia, a “mulher indígena” folclorizada, exótica, o qual, novamente, nos permite afirmar que o que a memória retém não é a forma empírica, mas a forma histórica do sentido, instaurando o equívoco e a contradição, sobretudo no que diz respeito ao simbólico (BORGES, 2015).



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Já Achard (1999) considera que a memória existe somente a partir dos discursos em circulação e diz ainda que a estruturação do discurso constitui a materialidade da memória social. Para ele, a memória é pensada ao lado da regularização e não da repetição e se situa entre o histórico e o linguístico. Essa regularização na repetição se estende para os deslocamentos, as comparações e as relações contextuais.

A regularidade constitui aqui um processo de funcionamento dos discursos analisados e que evidencia a formação discursiva que perpassa os discursos sobre mulher indígena, constituídos enquanto resultados de buscas. A formação discursiva permite o que o sujeito pode e deve dizer, numa dada situação, numa dada ideologia, que faz com que os sentidos das palavras ali empregadas sejam uns e não outros; “é pela remissão à formação discursiva que se identifica uma fala que pode atribuir-lhe sentidos” (ORLANDI, 2013, p. 91).

É essa autora, ainda, quem nos subsidia com o conceito de silêncio, crucial para se pensar o apagamento de sentidos pela regularidade dos resultados. Silêncio, para Orlandi (1997, p. 29), significa de modo contínuo, absoluto e a incompletude é fundamental no dizer, pois é ela que produz a possibilidade do múltiplo, base da polissemia. Para ela, todo processo de significação traz uma relação necessária ao silêncio e ao dizer, estamos não dizendo ‘outros’ sentidos, é o que a autora chama de silêncio constitutivo, que produz um recorte necessário no sentido. Dizer e silenciar andam juntos, tanto que o silêncio recorta o dizer.

Para Orlandi (1997, p. 59), “a memória é feita de esquecimentos, de silêncios. De sentidos não ditos, de sentidos a não dizer, de silêncios e de silenciamentos”. Há sentidos silenciados, apagados, deixados de fora do discurso, deslocados da memória, os quais deixam de ter significado, sem apagar por completo seus indícios.

São os “indícios” de onde partimos no movimento de análise, são os dizeres significados pelo discurso e os sentidos silenciados, numa relação contraditória e marcada pelo equívoco que provoca um efeito de naturalização, pela regularidade, de que estes são os sentidos sobre “mulher” e sobre “mulher indígena”. Vejamos o modo como a mobilização desses conceitos produzem acesso à materialidade da ideologia, sob o efeito da historicidade, na próxima seção.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Da dispersão à unicidade do discurso: as análises

Considerar as construções midiáticas sobre indígenas é considerar a repetição da forma, como uma normatização de sentidos, esse é o ponto inicial de toda reflexão que propomos. Esse ponto inicial resvala na reflexão sobre a posição que a mulher indígena ocupa na sociedade, sobre o empoderamento dessas mulheres, o que produz um deslocamento da norma.

Primeiramente, buscamos no site de buscas Google as designações “mulher” e “mulher indígena”; a “escolha” pelas designações buscadas já recorta sentidos na memória discursiva, perpassada ideologicamente e que se significa na formação discursiva dada, que revela um lugar de fala que interpreta os fatos da maneira como interpreta, que já produz um efeito de sentidos sobre o modo de considerar os indígenas e a mulher indígena. Vale ressaltar que designação aqui é a significação de um nome, não de forma abstrata, mas sim como algo próprio das relações de linguagem, relação simbólica remetida ao real, exposta ao real, uma relação tomada na história, como apontam os estudos de Guimarães (2002). E acrescentamos que quando a palavra significa, já é em si textualização de uma discursividade.

Assim, pretendemos responder de que modo os resultados de busca, discursos, permitem compreender o funcionamento da linguagem? Qual a concepção de indígena que a mídia traz? Como essa concepção trabalha a reafirmação de sentidos já dados ou, ainda, a exclusão, o deslocamento de sentidos? Como o discurso colonial é retomado na mídia?

Responder, pelas análises, a essas questões, formuladas a partir de estranhamento pela regularidade nos resultados, pelo modo como os sentidos produzidos por esses discursos se dão, colocando-se como evidentes e definidos, caminha na direção das afirmações posta por Orlandi (1990), quando diz:

“Há um olhar-de-lá (que nos conta em sua história) e o do excluído (que ocupa o lugar projetado pelo olhar-de-lá). O que estamos procurando trazer para a reflexão é o fato de que, entre o olhar de lá e o excluído, há um lugar particular em que este modo de significar adquire especificidades: o do brasileiro que interfere nesse contar do outro e o transforma. Este lugar raramente tem sido ocupado. Se tem ficado na simetria das oposições existentes estritamente: o lugar do que nos conta de fora e o do que é contato. Mesmo quando se fala nas vantagens de ser brasileiro, fala-se do interior dessas projeções, trazendo assim o avesso do mesmo e os seus “pressupostos””. (ORLANDI, 1990, p. 249).



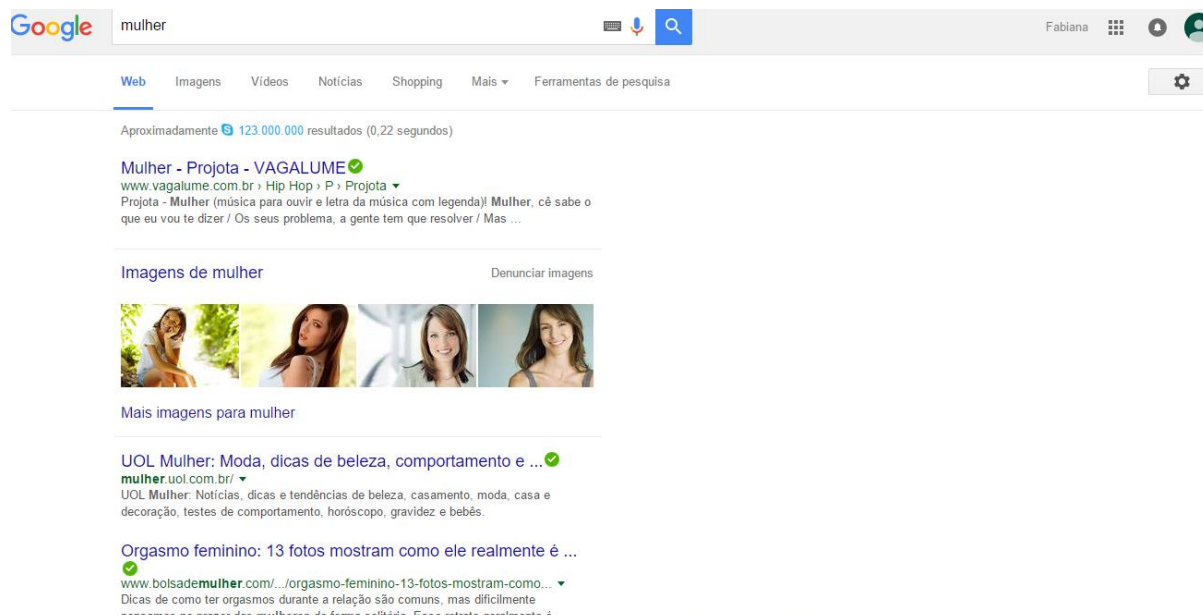
VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Assim, podemos afirmar que o silêncio divide o que é dado como resultado na busca e o que não é, demarcando o que é ser mulher indígena, conforme o gesto de interpretação nas análises nos mostra.

Conforme já mencionamos, o *corpus* de análise neste artigo é constituído por resultados de busca², sites, originados pelo *Google*, trata-se da primeira página gerada, a partir da busca “mulher” e “mulher indígena” em “web”.

Para “mulher”, foram encontrados 123 milhões de resultados, a quantificação, enquanto quantificação, não nos interessa a priori, mas constitui um efeito enquanto comparada com a quantidade gerada para “mulher indígena, que registrou 723 mil resultados, vejamos a página com os resultados do Google para “mulher”

Imagem 1:

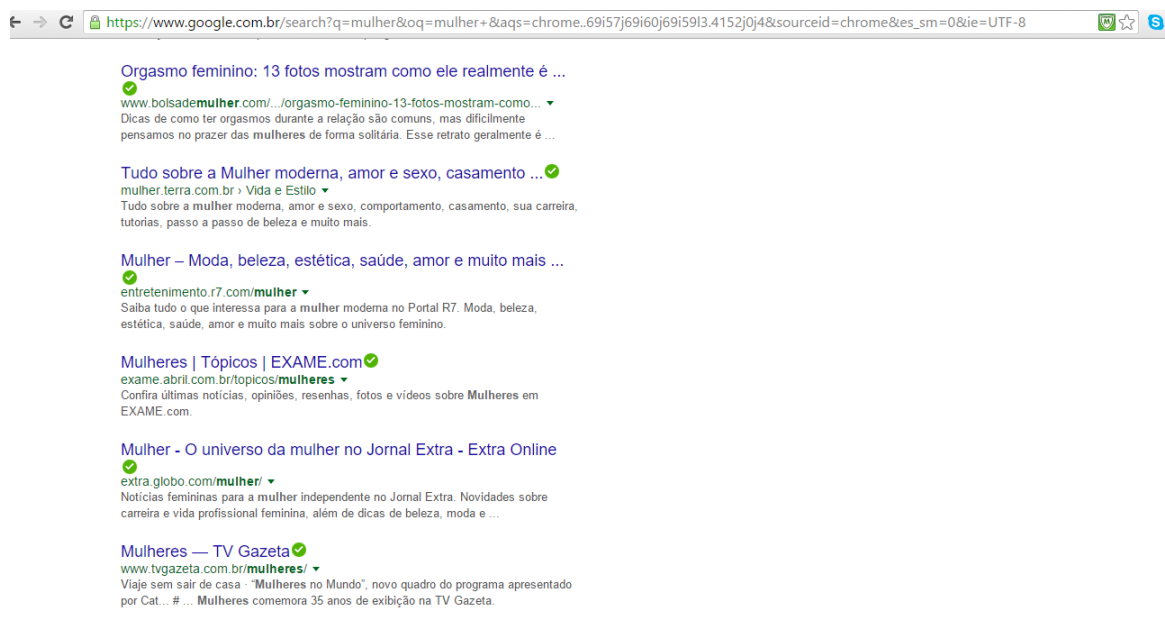


² Todas as imagens aqui apresentadas são resultantes de buscas geradas pelo Google em 20/11/2015, de uma única máquina.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Imagem 2:



Uma pequena descrição do corpus faz-se necessário para ser um ancoradouro material das análises. Essas duas imagens apresentam sites que trazem publicações sobre beleza, trabalho, decoração, saúde, maternidade, alimentação, como podemos visualizar no site “Mulher UOL: Moda, dicas de beleza, comportamento e estilo de vida”. No site “Bolsa de mulher, há especificações somente de sexo. Fala sobre o prazer feminino e traz 13 fotos de mulheres em momento de orgasmo, tiradas por uma fotógrafa americana. Não há nenhuma mulher indígena nas fotos, bem como, nas indicações de outras leituras, há várias imagens sensuais femininas, mas nenhuma é uma mulher indígena.

No site “Mulher Terra: Tudo sobre a mulher moderna, amor e sexo, casamento... Tudo sobre a mulher moderna”, há postagens sobre alimentação, maternidade, sexualidade, horóscopo, cuidados com o corpo, mas a mulher indígena é também apagada neste site. Já o site “R7: Mulher: moda, beleza, estética, saúde, amor e muito mais... Saiba tudo o que interessa para a mulher moderna” dá destaque para a eleição da mis Brasil 2015. Apresenta postagens sobre parto, gastronomia, relacionamento, fitness, programação da própria



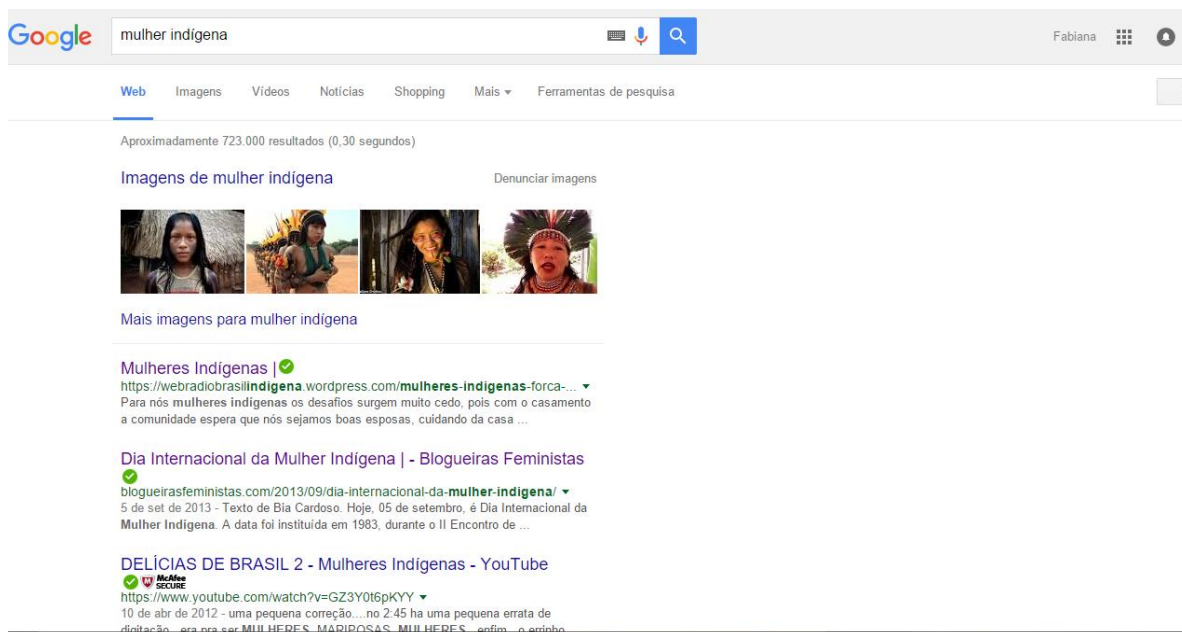
VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

emissora. Há imagens de mulheres diversas, famosas internacionais e nacionais e anônimas, mas nenhuma é indígena.

Ainda nos registros sobre “mulher”, temos como resultado os site “Mulheres Exame Abril: Notícias, opiniões, resenhas, fotos e vídeos sobre mulheres”, que apresenta links que versam sobre a igualdade econômica entre homens e mulheres, manifestações de mulheres negras (tiros e prisões), gestação, cirurgia plástica para mulheres que sofrem de violência, propaganda de vestibular, libido feminina, relações homossexuais, mulher tratada como objeto em sites de cerveja, apresentação da única mulher na lista de 20 dos maiores investidores. Há imagens de mulheres, mas a mulher indígena não é mencionada em nenhuma reportagem e nem retratada em imagens. E, finalizando a descrição para “mulher” temos o “Extra Globo. Mulher: O universo da mulher no Jornal Extra: Notícias femininas para a mulher independente”, que apresenta postagens sobre beleza, moda, redução de peso, decoração, tudo ilustrado com imagens de mulheres, na maioria famosas que atuam na própria emissora, e o “Mulheres TV Gazeta”, em que os destaques são para maternidade, receitas culinárias, moda, beleza, esoterismo, comportamento, saúde, com links e imagens.

Vejamos os resultados oferecidos pelo Google para a busca da designação “mulher indígena”:

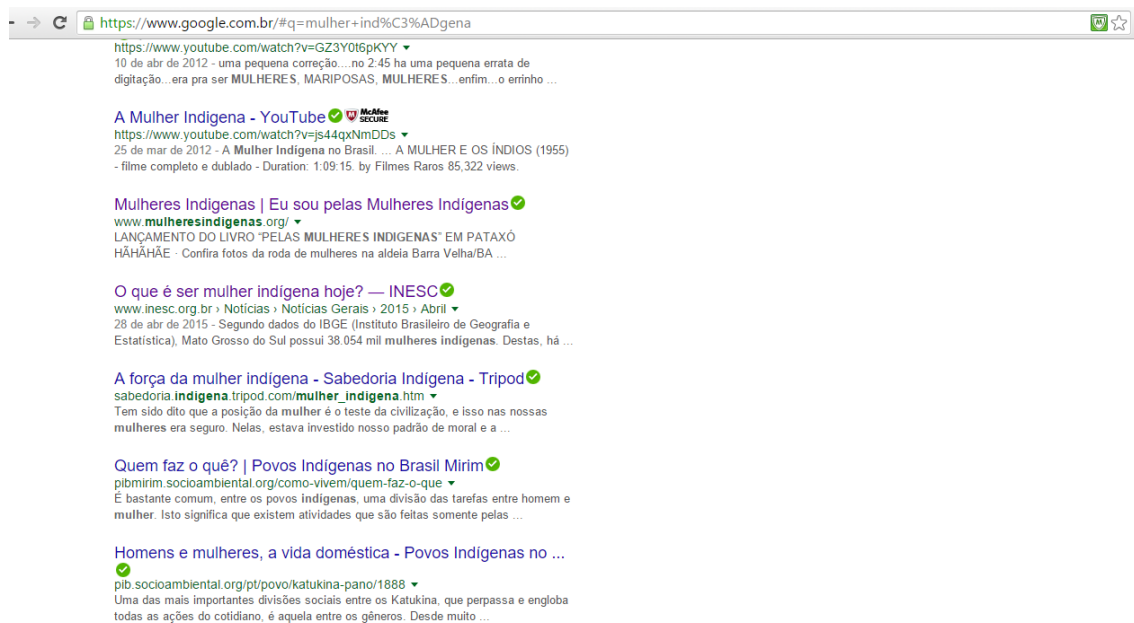
Imagem 3:





VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Imagem 4:



Todos os sites elencados nos primeiros resultados apresentados pelo Google trazem referências ou ao indígena ou ao meio ambiente. Não há resultados para sites como “Mulher UOL”, “Bolsa de mulher”, “Mulher Terra”, “R7 mulher”, “Extra Globo mulher”, “Mulheres TV Gazeta” ou outros que se colocam como sites com conteúdos femininos destinados a mulheres.

O primeiro site que aparece nos resultados é específico para mulheres indígenas e traz postagens que não são atuais no que diz respeito a datas, ou seja, a postagem em destaque parabeniza a mulher indígena pelo dia internacional da mulher indígena, mas não há referência ao ano. Além disso, há o agradecimento pelos 1000 acessos que a página recebeu e traz apenas uma imagem de mulher, indígena, com close apenas nos olhos.

Há postagens sobre a força da mulher indígena, sua luta, sendo consideradas heroínas, o último comentário postado na página é de 2008 e não há fotos de mulheres indígenas, ela apenas é a que luta, não há menções sobre beleza, culinária, saúde ou relacionamento.

O blog “Blogueiras feministas: dia internacional da mulher indígena”, outro resultado gerado, é produzido por Bia Cardoso, que se designa como blogueira feminista, e em seu



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

destaque, traz uma postagem sobre o dia internacional da mulher indígena, em 2013, ou seja, uma não atualidade de reflexão. Fala sobre a violência contra a mulher indígena, sobre a saúde e a educação que faltam para a mulher indígena e a relação mulher indígena e política. Faz indicações de leituras para sites que questionam “como anda a saúde da mulher indígena” (saúde e corpo), “como é a maternidade indígena no Brasil hoje” (feminismo e movimentos sociais) e “hoje é dia de abraçar as mulheres indígenas” (política e Estado). A imagem que aparece no site é de uma indígena, Sônia Guajajara, dando entrevista no Palácio do Planalto após a presidente Dilma Rousseff receber representantes dos povos indígenas. Outro pequeno grupo de imagens aparece na parte sobre as indicações, intitulada “Relacionados”, em que mulheres indígenas ilustram os temas que podem ser acessados.

“Delícias de Brasil e: Mulheres Indígenas – Youtube” é um resultado para vídeo que apresenta várias mulheres indígenas com música indígena ao fundo. Essas mulheres são bonitas, produzidas, em poses sensuais, ou não. Segundo consta no vídeo, foi produzido por uma indígena, Kuana Kamayurá, postado por Ankakilla Yuraq, em abril de 2012, e tem duração de quatro minutos, aproximadamente. Neste vídeo, a mulher indígena aparece como imagem, estagnada, sem voz, é o amontoado de fotos no efeito do movimento do vídeo.

Mesmo sendo buscas solicitadas a partir de “web”, vídeos aparecem como resultados, tal qual esse apresentado e outro intitulado “Mulher indígena – Youtube”, que foi produzido, de acordo com registros no próprio vídeo, por alunos de ensino médio de uma escola estadual, Lucas, Aline e Leonardo, para a disciplina de Sociologia, postado por um adolescente Andrey Câmara, em março de 2012, com duração aproximada de 5 minutos. Tem como música de fundo a canção “Tic tic tac”, de um grupo chamado Carrapicho. Neste vídeo, há imagens de várias indígenas, sozinhas, em grupo, em rituais, crianças, jovens e anciãs, nuas ou não. Finaliza com a citação bíblica de Provérbios 14, 1: “Toda mulher sábia edifica a sua casa; a insensata, porém, derruba-a com suas mãos”, o que mereceria uma análise a parte.

Os últimos três resultados trazem algumas atuações das mulheres indígenas, depoimento de anciãs, rodas de conversas, lançamento do livro “Pelas mulheres indígenas”, em maio de 2015, escrito por mulheres indígenas, bem como relatos de mulheres indígenas de comunidades diversas, com postagens recentes, também de maio de 2015, como site “Mulheres indígenas. Org: eu sou pelas mulheres indígenas”. O site “INESC-Instituto de



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Estudos Socioeconômicos. Org: O que é ser mulher indígena hoje?” coloca à disposição um artigo, de abril de 2015, sobre as transformações no perfil da mulher indígena, a partir de mudanças econômicas, sociais e políticas, que foi originalmente publicado no Ministério Público Federal do Mato Grosso do Sul. Não há imagens de mulheres, aliás, nenhuma imagem nesta página do site. Já o site “Sabedoria indígena: a força da mulher indígena”, apresenta, em forma de narrativa, a história da mulher Cherokee indígena, sem referências da fonte de informação (apenas diz que recebeu de Léo Artese). Faz menção a espiritualidade e à força da mulher em seus clãs. Apresenta imagens de mulher Cherokee indígena (a nação Cherokee é uma nação americana” e o site “Povos indígenas no Brasil mirins: quem faz o quê?”, que faz referências às crianças indígenas.

Vamos às análises propriamente ditas. Há uma homogeneização dos resultados sobre “mulher” e sobre “mulher indígena” e os sentidos produzidos por esses discursos se colocam como evidentes e definidos. Para nós, a regularidade nos resultados não são meras repetições, mas evidenciam a normatização dos sentidos, produzindo o efeito de naturalização desses sentidos e, ainda, a regularidade é uma repetição legitimada historicamente, se estabiliza historicamente e produz o efeito de evidência.

Os sites indígenas que retratam a mulher indígena trazidos como resultados no Google apresentam mulheres em afazeres “domésticos”, representadas em suas comunidades. Produz sentidos de mulheres à margem, “fora” da vida social, ou são narradoras de histórias nas comunidades ou são responsáveis pela comida, banho das crianças.

A mulher indígena é significada, nesses sites elencados pelo *Google*, como alguém que está nas aldeias, não é a mulher inserida no mercado de trabalho no espaço urbano, no “social”, que se interessa por questões de beleza, fitness, sexualidade, mas mulheres à margem das práticas sociais femininas. As pinturas em destaques no corpo são somente as tipicamente indígenas (deslocamento dos sentidos de pintar o corpo: ritual da beleza *versus* ritual dos povos indígenas).

Há um apagamento da mulher indígena em sites destinados a mulher, é a mulher inexistente na sociedade de mulheres atuantes, belas, saudáveis. É a visão do colonizador que prevalece na mídia, aquela retratada em “cartas de descobrimento”, ou seja, é um povo,



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

homogeneizado, é *índio*. Podemos, ainda, afirmar que a mulher indígena está em extinção nos discursos da mídia, é extinta dos quadros que falam, significam a mulher.

Apesar de se mostrarem “atuais”, os sites, tanto os destinados a indígenas quanto os considerados sobre mulheres “em geral”, marcam um sentido de mulher indígena colonizada, selvagem, sensualizada negativamente, reforçando preconceitos instalados socialmente (mulher bicho, para ser explorada).

Podemos sustentar essas análises, ainda, com os dados do último censo demográfico de 2010 (IBGE, 2012), que revelam que há 305 etnias indígenas, com 274 idiomas. São 896, 9 mil indígenas no Brasil, com a quantidade de homens e mulheres equivalentes. A maioria das mulheres vive em áreas urbanas! Pelos resultados de busca, essas mulheres não estão no urbano, não as significam como mulheres, não remetem a ela um lugar de mulher atuante na sociedade urbana, por exemplo.

Nos resultados para “mulheres”, há um padrão na imagem de mulheres: brancas, esguias, maquiagens sutis, colocadas em planos claros, tons pastéis. Nos resultados para “mulheres indígenas”, a padronização se repete, mas em outro espaço de significação. As indígenas aparecem de modo semelhante, em aspectos físicos, pintura corporal, ambientes de fotos, evidenciando que os indígenas, homens e mulheres, são homogêneos, únicos, são apresentados, representados de forma simplista, legitimando, autorizando, sentidos dominantes que circulam sobre os indígenas. São apagadas as características físicas distintas, as diferentes culturas e costumes das sociedades indígenas.

Considerações preliminares

Ao analisar os discursos que circulam na mídia, podemos compreender como este espaço define, faz significar a mulher indígena brasileira e esse modo de significar constitui parte do imaginário da sociedade brasileira. Resultados preliminares evidenciam que os processos de significação da “mulher indígena” na mídia, pelos resultados de buscas, diferentemente dos apresentados para a busca pela designação “mulher”, retomam sentidos de mulher inserida no espaço “rural”, um ser “selvagem”, numa relação com a memória e com a história, significando-a fora do espaço urbano, constituindo-se pelo silenciamento que esse estar fora produz.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

Há um apagamento da mulher indígena intelectual, urbana, produtora de conhecimento e interessada em questões femininas, isso faz perceber que os sentidos produzidos remontam os discursos colonizadores, mais do mesmo, sentido sempre pressuposto, dominante, inquestionável. Produz um efeito de unidade que “apaga” a diversidade, mas a relação entre unidade e diversidade não é de oposição, mas de contradição, há sempre contradição na língua. Os processos de silenciamento acompanham as formas de exercício de poder.

Mesmo no apagamento, no silenciamento, o sujeito resiste, se significa, como podemos perceber pelas mulheres indígenas cientistas, escritoras, advogadas, professoras... que vivem, moram no espaço urbano, a identidade indígena e a cultura estão em movimento. É preciso pensar a mulher indígena como um sujeito que pratica a sua cultura e se transforma, transformando-a, não o ser estagnado significado pela mídia. Com isso, é preciso pensar em práticas em que haja re-significação de sentidos e de sujeitos. Não há retorno, é um estar na diferença.



VI Colóquio e I Instituto da Associação Latino-Americana de Estudos do Discurso – ALED – Brasil
Estudos do discurso: questões teórico-metodológicas, sociais e éticas
São Carlos, 27-30 de Julho de 2016

REFERÊNCIAS

- ACHARD, Pierre. Memória e produção discursiva do sentido. In: _____. et al. *Papel da memória*. Tradução José Horta Nunes. Campinas: Pontes, 1999, p. 11-21.
- BORGES, Fabiana Claudia Viana. *Processos de identificação nos formulários: memória oficial do Brasil*. 2015. 167 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=000952414>. Acesso em: 20 mai. 2016.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Semântica do Acontecimento*: um estudo enunciativo da designação. Campinas: Pontes, 2002. 96 p.
- ORLANDI, Eni. *Terra à vista*: discurso do confronto: velho e novo mundo. São Paulo: Cortez; Campinas: Editora da Unicamp, 1990. 260 p.
- _____. *As formas do silêncio*: no movimento dos sentidos. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 1997. 189 p. (Coleção Repertórios).
- _____. *Língua e Conhecimento Linguístico*: para uma História das Ideias no Brasil. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2013. 360 p.
- _____. *Análise do Discurso*: Princípios e procedimentos. 6. ed. Campinas: Pontes, 2005.
- PÊCHEUX, Michel. *O discurso*: estrutura ou acontecimento? Tradução Eni Orlandi. 2. ed. Campinas: Pontes, 1997. 68 p.
- POTIGUARA, Eliane. *Metade cara, metade máscara*. São Paulo: Global, 2004. 138 p. (Série Visões Indígenas).